

# O argonauta

## I

“Passa o dia no fundo do mar, tornando-se ativo à noite, quando sobe à superfície.” *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

As cores na vitrina da Falk's eram muito feias. Amarelo, vermelho e lilás ferem a vista. Eu nunca poderia gostar de alguém que usasse calça amarela e camisa vermelha. Ou andasse de sapato alto, cuidando para não desabar na Rua da Praia. Os livros da Kosmos também me pareceram novos demais. Capas coloridas deveriam ser reservadas para os livros infantis e os *best-sellers* que a minha vizinha do lado lê. Bonita, ela, mas gosta de Arthur Hailey e Morris West. Perguntei para a vendedora pelo *Ulisses* que eu encomendara para colocar na estante da cabeceira da cama. Ela disse que não tinha chegado ainda. Saí para a Rua da Praia com um gosto de bife de fígado na boca. Talvez comprasse um disco. Ou subisse até a Livraria Aurora para pegar de uma vez o *Ulisses* velho e sem capa. Não fiz nem uma coisa nem outra. Enquanto caminhava para a King's, decidi que um livro já lido, e que serviria como obra de consulta, deveria ser novo e ter uma capa dura, com páginas bem brancas. Entrei na Galeria Chaves com a certeza de não comprar nada. Só se um disco novo do Pink Floyd aparecesse na vitrina. Como sempre, não estava lá. Quando saí da galeria, recomçou a garoar. Guarda-chuvas automáticos e quase italianos abriram-se. As duas calçadas ficaram cheias de pessoas que caminhavam ao abrigo dos nomes das lojas. Eu andava bem pelo meio da rua. Granito rosa, até que decidam aumentar

V

*How could you let it happen?  
 Dreams, hopes and promises,  
 fragments out of time,  
 all of these things have been spoken;  
 still you don't understand how it feels  
 when I'm waiting for them to be broken.*

Peter Hammill

“Chegou o caminhante solitário”, disse o Júlio. De-  
 testo quando tentam forçar essa imagem pra cima de mim.  
 Eu sorrio e abano para todos. Eles sorriem e olham para  
 mim como se eu tivesse acabado de descer o Himalaia. O  
 Milton não desiste: “E daí, lobo da estepe? Como é que  
 anda de astral?” Lobo da estepe é horrível, e bem demonstra  
 o nível das leituras do Milton. Esse imbecil sabe que não  
 gosto de passar por introspectivo, coisa que não sou. Só  
 porque me viu sentado num banco de uma praça na Glória  
 acha que eu gosto de me retirar para refletir sobre o mundo.  
 Ele vai ver o pôr-do-sol no morro Ricaldone e todos acham  
 que é muito normal. Vontade de dizer algumas palavras preci-  
 sas, que dessem a entender o que penso do Milton sem  
 ser grosseiro com os outros. Digo: “Legal”, e me sento  
 no chão. A Cláudia levanta e vai trocar o disco. O grande  
 defeito é ser amiga do Milton e trepar com ele. Fora isso,  
 até que se esforça para ser agradável. Tem o hábito de escovar  
 os dentes se vai beijar alguém depois de fumar muito.

Depois da nossa primeira e única trepada, me juro  
 que tinha gozado de verdade, que aquela cena e aqueles  
 gritos não eram ensaiados. Eu me olhei no espelho e vi  
 Marcello Mastroianni. Dormi muito bem, minha mão direita  
 sobre o seio esquerdo da bela filha do abominável vampiro  
 da noite. Acordei antes, levantei sem fazer barulho e preparei  
 café-com-leite e duas torradas. Beije-i-lhe a orelha. Ela abriu  
 os olhos e disse: “O que é?” Eu mostrei a bandeja. “Que  
 horas são?”, ela perguntou. “Dez e quinze”, respondi. Ela  
 olhou para mim e sussurrou, quase dormindo: “Muito cedo”.  
 Virou-se e adormeceu. Comi as duas torradas e fui olhar  
 o apartamento. Nenhum livro. Discos de Gilberto Gil, Caeta-

no Veloso, Fagner e A Cor do Som. Meio-dia beije-i-lhe  
 os cabelos. Não acordou. Achei melhor não insistir. Escrevi  
 um recado: “Tive que ir pro trabalho. Por favor, me telefona  
 logo (41.37.12). Um beijo”. Li e não gostei; era seco demais.  
 E aquele “por favor” estava ruim. Duas pessoas que se gos-  
 tam não fazem favores uma para a outra. Amassei o bilhete  
 e escrevi outro: “Não tive coragem de te acordar. O número  
 do meu trabalho é 41.37.12. Se tu telefonares, certamente  
 vais me livrar de algum síndico maníaco-depressivo. Já viste  
*Cidadão Kane*?” Achei o final muito bom. Colei com durex  
 na porta do quarto. Ela não telefonou.

VI

“ – Vejam – ia dizendo o conde:  
 – Vejam toda esta paz, esta prosperidade,  
 este contentamento... Meus senhores, não  
 admira realmente que sejamos a inveja da  
 Europa!” Eça de Queiroz

Navego pela Siqueira Campos impulsionado pelos últi-  
 mos raios do sol. Os últimos dez minutos assistiram a lenta  
 troca da claridade direta por essa opalescência que acentua  
 os contornos das coisas, definindo muito melhor a forma  
 e a tonalidade exata do que vou deixando para trás. Entre  
 o dia e a noite, prefiro o momento em que não se sabe  
 qual dos dois está acontecendo. A Mariana talvez esteja  
 agora no Rib's, com seus colegas de faculdade, tão interes-  
 sada no *milk-shake* que nem vai perceber a escuridão caindo  
 devagar na praça Júlio de Castilhos. Não tenho nada de  
 extraordinário para olhar. São os mesmos velhos edifícios de  
 sempre, indecisos entre o moderno e o antigo, sem saber  
 se estão mesmo no Centro ou se não passam de um bairro  
 deserto. Acho que só eu conheço o final da Siqueira Campos;  
 ou o começo, sei lá. Enfim, a extremidade que não desemboca  
 tão popularmente no Mercado Público. Venho de lá. Fiquei  
 dezessete minutos sentado no último muro. O cachorro preto  
 e branco veio, como sempre, ver se eu tinha alguma coisa  
 para ele. Dei-lhe um pedaço do meu chocolate e ele foi

o concreto cinza do calçadão. Não havia pingos, apenas a umidade caindo, e que mal chegava a molhar o cabelo. Na esquina da Dr. Flores, notei uma guria descendo a Rua da Praia pela calçada da esquerda. Não tinha guarda-chuva e parecia não se importar com a garoa. Andava devagar, olhando mais para o chão do que para a frente. Comecei a subir pela mesma calçada. Ela usava uma calça de veludo marrom e um pulôver também marrom, de uma tonalidade um pouco mais clara. Quando estávamos a uns cinco passos um do outro, ela levantou os olhos. Castanhos como o cabelo. Cruzamo-nos. Não olhei para trás; ela também não, tenho certeza. Timidez, eu; ela, desinteresse. O marrom persistiu. Escuro no boné do vendedor de revistas; discreto, mais um bege, na pintura do ônibus da Carris; transparente nos óculos do cobrador. E, pairando sobre tudo, um velho cobertor de lã, na Independência engarrafada.

## II

“Por que razão meditava ele em planos de tão difícil realização?”

Era um de seus axiomas que meditações similares ou a relação automática a si mesmo de uma narrativa concernente a si mesmo ou a lembrança tranqüila do passado quando praticadas habitualmente antes de retirar-se pela noite aliviavam a fadiga e produziam como resultado repouso cabal e vitalidade renovada.” James Joyce

*The Dark Side of the Moon* combina com dias de chuva. Às vezes, tenho vontade de aumentar o volume, deixar a música penetrar em todos os cantos do apartamento. Ouvi-la enquanto tomo banho, o barulho do chuveiro combinado com o solo de guitarra. Mas os vizinhos não gostam de Pink Floyd. A mulher do apartamento de cima liga o rádio na Caiçara às seis e dez da manhã, todos os dias. O volume suficiente para me enlouquecer, baixo o bastante para que eu não possa reclamar. Preferia que fosse a todo volume.

Eu colocaria *Brown Sugar*, as caixas viradas para cima, Mick Jagger no corpo-a-corpo com Odair José. As melodias se atritando, sem achar qualquer ponto em comum. Os Rolling Stones vencendo, expulsando a mediocridade da baixa classe média, exigindo mais do que o voto no MDB.

A Mariana, logo depois de nos conhecermos, pediu que eu levasse uns discos para a gente ouvir na casa dela. Eu perguntei que tipo de disco. Ela disse: “Música calma. Tu tens alguma coisa do James Taylor?” “Não tenho.” “Carole King?” Odeio. “Também não.” “Sei lá. Quem sabe alguma coisa dos Bee Gees...” Quase vomitei no orelhão. Ela dizia: “Alô, alô, alô, alô, alô, alô. Ainda tá aí? Alô, alô, alô, alô”. Eu murmurei: “Tá certo. Eu levo alguma coisa calma. Pode deixar”. Ela desligou. Não disse: “Tchau, um beijo; tchau, um beijo; tchau, um beijo; ou qualquer coisa assim”. Ela disse: “Ahh...” E clique. No quarto dela — um poster do Peter Frampton na parede, em cima da cama — ela olhou para os meus discos de Vivaldi e disse que achava muito chato, dava sono, era música de igreja. Não gosta da voz da Elis; “A Simone é lésbica, sabia?” Ficou um pouco mais entusiasmada com os Beatles: “Mas é meio velho né?” Passamos a tarde ouvindo FM, o neocid da discoteque espantando as moscas que tentavam pousar dentro do meu peito. Calados como ontem. Não temos nada a dizer um para o outro.

## III

*How I wish, how I wish you were here.  
We're just two lost souls swimming in a  
fish bowl,  
year after year,  
Running over the same old ground. What  
have we found?  
The same old fears.  
Wish you were here.* Roger Waters

Não vejo mais meus colegas da faculdade. Eles devem estar por aí, quem sabe até trabalhando. E eu pensava que

continuaríamos discutindo política depois de formados, mantendo a aula de Editoração para ir no Bristol ver filmes pela segunda vez. “É a revisão crítica”, dizia Leopoldo. Onde está o Leopoldo? Pode estar ganhando muito dinheiro em algum jornal de empresa. Ou diagramando um semanário do interior. Não, o Leopoldo deve estar no Bar João, esperando por mim na frente de um copo de cerveja.

Quatro anos juntos e nada aconteceu. Fora as mortes na família, meu habitat não se modificou; permanece homeostático, perfeitamente equilibrado, muito chato. E o número de sobrinhos e primos nascendo foi bem maior que o de tios e avôs enfartados.

Prometi almoçar em casa domingo que vem. Talvez vá. Não sei se a comida bem-feita compensa as velhas histórias do pai, ou os conselhos da mãe. Talvez eu fique aqui, arrumando o apartamento como se esperasse alguém para o jantar.

Pensando bem, sair de casa foi a melhor coisa que já fiz na minha vida. Não tenho mais horário para as refeições; como mal e irregularmente. Não preciso mais dar explicações se chego tarde, apesar de quase nunca chegar tarde depois que saí de casa.

Para manter o apartamento, o emprego na imobiliária basta. Bacharel em jornalismo, trabalho com aluguéis, impostos, habite-ses e síndicos esquizofrênicos. “É bico”, respondo para quem não tem o tato suficiente para não perguntar.

Para o interior não vou. Impossível deixar de ir ao cinema. O interior é saudável demais; tem muito verde e pouco marrom, quase nenhum cinza. Assustador. Além disso, não posso abandonar os discos.

Prefiro continuar minha saudável vida pouco saudável. Respirar a fumaça da Borregaard, engolir todos os flavorizantes, acidulantes e corantes, manter as idéias permanentemente confusas. Antes de mais nada, continuar em dúvida quanto ao significado da palavra independência.

## IV

“Via-se logo que Julien não tinha nenhuma experiência de vida. Nem mesmo romances ele lera.” Stendhal

Mariana tem cabelos castanhos. Quando sorri, os problemas desaparecem. Parece que todos nós estamos esperando Mariana crescer. Quando ela fizer vinte e um, o Brasil se endireita. Eu posso prever cada movimento dela, cada palavra. Há um conjunto de regras que regem a sua vida, e ela nunca rouba no sete-e-meio. Começou a fazer Psicologia na PUC e lê o horóscopo da *Folha da Tarde* para mim, ficando entusiasmada se as perspectivas são boas.

Semana passada, ela disse: “Acho que não vou mais contigo para a praia. Qual é a graça de ir para a praia no inverno? Ninguém vai para a praia em junho”. E ela nunca contraria ninguém. Eu respondi pensando no nevoeiro de *Interiores*: “No inverno, pode-se ir até a beira da praia, fechar os olhos e andar quilômetros apenas ouvindo o barulho do mar. Sem nunca abrir os olhos; não tem nada na frente”. Ela pensou um pouco e disse: “Que coisa sem graça; eu prefiro andar com os olhos abertos”, e terminou de comer o pêssego em conserva.

Tentei mudar de assunto: “Já terminou o *Germinal*?” Ela sacudiu os cabelos e riu um pouco: “Só li três páginas e meia, mas parece que não vou gostar. Que idéia maluca, essa de dez quilômetros de campos de beterraba. Tu não tens algum livro mais moderno? Esses do século dezanove são muito cansativos”. Eu disse que ia trazer algo bem moderno, bem século vinte. No outro dia, emprestei-lhe *O Caso Morel*. Foi um erro: ela ficou chocada, disse que não aprovava a pornografia (o “sexo pelo sexo”, definiu), e que aquilo era coisa de quem ainda não atingiu a maturidade. Não sei se referia-se a mim ou a Rubem Fonseca. Desconfio que ela é virgem.

embora, feliz. Os edifícios vão ficando para trás, junto com a luz. Quando chegar no começo (ou no fim), talvez já seja noite. A Mariana achou isso aqui muito triste, semana passada; não quis vir outra vez. É possível que não tenha se deixado levar por tudo isso. Mas é difícil de acreditar: as coisas são óbvias por aqui; é só movimentar os olhos e deixá-los ir de edifício em edifício, de rosto em rosto. “Caras”, diria a Mariana; “faces”, advogaria o Leopoldo, pensando em Bergman; “fisionomias”, tentaria a Cláudia; “semblantes”, corrigiria o Milton, pronunciando devagar, com a certeza de estar, de alguma forma, aporrinhando meu saco. Mas as pessoas que passaram por mim até agora estavam tão consonantes com tudo o mais que não me chamaram a atenção. É sempre assim; se quero observar os rostos, preciso antes tomar uma certa distância do cenário. Aquele casal de negros, por exemplo. Caminham depressa; negro que caminha devagar é vagabundo. Branco que caminha devagar é judeu e intelectual. Ele é guarda-noturno numa zona residencial classe A e todas as noites pensa em usar o revólver para assaltar o filho da puta que chega com o Galaxie e diz boa-noite. Ela tem dois filhos e não se acostuma com o fato do marido dormir durante o dia. As vizinhas não acreditam quando explica, e já ouviu, várias vezes, seu marido ser chamado de vagabundo. Apertam o passo. O que faziam na Siqueira Campos? E o que faz na Siqueira Campos esse par tão obsceno que vem em minha direção? Só consigo vê-los com precisão quando já estão bem perto. Ele é alto, louro, aspecto de estudante de teologia. E caminha todo torto, uma das pernas curvadas num ângulo ilógico, contrário ao movimento. Apóia-se numa bengala de metal e cada passo é precedido por uma horrenda dança dos quadris, um círculo quase perfeito, executado desgraciosamente. Ela é um pouco mais baixa, morena. Usa um vestido preto com bolinhas vermelhas e uma sandália vermelha presa com pequenas correias da mesma cor, que se trançam desde o tornozelo e acabam amarradas com um lacinho na barriga da perna. Tem a boca permanentemente aberta, num sorriso debilóide, trissômico, e falta-lhe um dente no lado esquerdo. Idade aproximada de ambos: entre vinte e vinte e cinco anos. Ela anda devagar, de modo que ele possa acompanhá-la sem muito esforço.

Tocam-se de vez em quando. E transbordam felicidade, uma felicidade obscena, que me deprime, que me faz suar, apesar do frio. Tenho vontade de berrar: “O que vocês tão fazendo aqui? Essa é a minha rua. E tu aí, vaca banguela, pára com esse sorriso mentiroso. Tu não é feliz. É impossível ser feliz com uma cara dessas e do lado desse coitado. Sai da minha frente, paraplégico, paralítico, manco, perneta, aqui tá raso — aqui tá fundo, deixa que eu chuto. No mínimo ainda é poeta. Vai passear a tua poliomielite e a tua felicidade noutra lugar. E não tenta me convencer que gosta dessa perna de que todos sentem pena. Ela não entende esses teus versos de perna quebrada — gostou, coitadinho?; ela não deve nem saber contar. Vocês não me enganam, não podem sentir alegria. São uns desgraçados. Por favor, comportem-se como tal!” Eles vão passar; ele sorri para mim, ela não precisa, já estava. Saio da calçada, cambaleando. Atravesso a rua. Aqui me sinto mais seguro. Procuo me convencer que eles não existem, que foram um estranho fenômeno crepuscular. Viro-me e vejo-os caminhando rumo à minha extremidade da Siqueira Campos. Ele bamboleando de um lado para o outro; ela em transe, seguindo-o maravilhada. Meu Deus, se eles sentarem no meu muro e ele pegar na mão dela, corto os pulsos ouvindo *Gimme Shelter*. Não tenho coragem de segui-los para me certificar. Respiro fundo e recomeço a caminhar, rumo ao Mercado. Quando chego, já é noite. Aliviado, misturo-me ao movimento imaginário e perco-me de tudo e de todos.

## VII

*Home, home again  
I like to be here when I can  
When I come in cold and tired  
It's good to warm my bones beside the fire  
Far away across the field  
The tolling of the iron bell  
Calls the faithfull to their knees  
To hear the softly spoken magic spells.*

Roger Waters

e limpas. Olho pra ela e, impossível, vejo alguma tristeza de mártir nos seu olhos: “Deixei de pintar as unhas”. É demais pra mim. Beijo-a toda. No umbigo, ela volta a atacar: “Então vamos no aniversário juntos, né?” Paro e penso um pouco. Digo: “Acho que sim”. Acho que não. Tudo depende de sexta à noite e das unhas. Provavelmente ela vai mesmo sozinha. Eu desempenharei com perfeição meu papel e me recusarei a participar de uma festa burguesa e chata (existem excelentes festas burguesas, mas não é o caso). Para o meu desespero, Mariana vai colocar o vestido marrom-escuro que eu escolhi para ela. Eu vou assistir um filme chato no Vitória, morrendo de ansiedade e de remorso. Na tela, a Mariana vai estar dançando uma música da Rita Lee com um quintanista de Medicina.

## X

“O amor cerebral tem sem dúvida mais espírito do que o amor verdadeiro, mas tem somente instantes de entusiasmo; ele se conhece demais, julga-se continuamente; longe de afastar o pensamento, constrói-se à força de pensamentos.”

Stendhal

Há dois lugares em que é possível viver sem medo: o meu quarto e as ruas de Montevidéu em junho. Razões diversas, mas semelhantes. O primeiro é um universo perfeitamente explorado, sem surpresas desagradáveis. Desloco-me nele com facilidade, principalmente se estou sozinho. Tem os móveis necessários para guardar os livros, os jornais e o monte de badulaques que eu costumo amontoar. E espaço bastante para dançar *Happy* de olhos fechados, a música me perseguindo pela sala, pelo quarto, pela cozinha, pelo banheiro, e de volta até a sala. Sem tropeçar. *I need a love to make me happy, I need a love to make me happy, beeeebi*. Na sala eu pego a guitarra e dou uma mão pros Stones. *Haaaaaaaapy*.

Com a mochila nas costas em Montevidéu, é mais

ou menos a mesma coisa. Algumas horas de ônibus e eu deixo de ser um anônimo de Porto Alegre para me transformar num desconhecido em Montevidéu. E eu segurava as correias da mochila entre o polegar e o indicador, as mãos espalmadas e a cabeça leve. Eu estava em casa e não estava. Se quero, não falo com ninguém, finjo que a língua é incompreensível. Compro o jornal e sei quanto foi o jogo do Grêmio; pergunto onde fica a sala Milington Drake e o castelhano de chapéu me explica. Ano passado, fazia frio quando cheguei. Seis e meia da tarde, mais ou menos, já escuro; chovia de vez em quando. Fui direto da rodoviária para o apartamento de Isabel. Umás oito ou nove quadras. Estava preocupado; não via a Isabel há um ano, e todos mentem quando escrevem cartas. Mas ela estava lá, me esperando — como disse que faria — com uma imensa xícara de chocolate quente. Eu tive uma noite sem sonhos. Acordei, fiz duas torradas e café-com-leite. Ela comeu na cama e, sempre que tomava um gole do café, levantava os olhos e sorria. Como quando me ensinava, há quatro anos, a ir mais devagar, trocar de posição sem me precipitar, descobrir pequenas coisas no corpo dela. Isabel. No dia em que veio a Porto Alegre, havia cerração. Caminhamos pela Oswaldo Aranha sem ver a Redenção. Dançamos *Angie* aqui na sala, com as luzes todas apagadas.

Mas Isabel faz parte de Montevidéu. Ela é parecida com as nuvens que aparecem de repente, e com as gaivotas que ficam voando perto da praia no fim da tarde. E porque ela está em vários lugares ao mesmo tempo, não passo nunca muito tempo com ela. Ano passado, três noites. Só vimos um filme juntos: *Annie Hall*, num sábado de tarde. E prometi nunca mais ir ao cinema com ela; seria estragar uma extraordinária combinação de fatores, e que só deve se repetir a cada duzentos anos. Sozinho, vi *O Anjo Azul*, *Intolerância* e *Elisa, Vida Minha*. O *Anjo Azul* foi quinta à noite, sessão das dez. Já saíra do hotel e estava com a mochila na cadeira do lado. Gostei de caminhar sozinho até o apartamento de Isabel. A última noite é sempre junto dela. O ônibus saía às sete da manhã. Acordamos cinco e meia, noite fechada, e ela me levou até a rodoviária no carro de um amigo, que pedira emprestado especialmente para esse fim.

sar um pouco sobre cinema mas que na verdade sobem logo que chego com os meus e defino minha ansiedade e minha expectativa e meu desejo para com ela que parece desviar os olhos por vergonha e não de sacanagem só para ver se quando voltar ainda estarei olhando o que provocaria um sorriso nela por que seria a minha vez de desviar esperar um pouco voltar e constatar que ela foi no quarto do lado fumar maconha com o Milton.

/ "Stream of conciousness" (dela; margem de erro: dez por cento em ambos os sentidos): Parece um guri de treze anos na primeira reunião-dançante sem saber se deve ou não pegar na mão e convidar para ir no jardim sentar no banco de pedra branco e conversar sobre programas de TV mas que continua dançando sem parar até que os dois ficam tão cansados que são obrigados a parar e cada um vai para o seu lado e ficam se olhando como nós agora só que ela olha sério e eu estou apenas brincando com um guri de treze anos que agora desviou os olhos para ver se na volta eu vou estar olhando mas que vai descobrir que eu estou no quarto aqui do lado porque estou me levantando para ir fumar maconha junto com o Milton. /

Olhar e depois, aqui no quarto, revisar todas as correntes e descobrir que havia um elo quebrado, que ela talvez estivesse só esperando um sinal meu para levantar e vir sentar na almofada vazia do meu lado. Se viesse mancando, eu estaria na praia, em julho, e o nome dela talvez fosse Gerty MacDowell.

## IX

*I'll never be your beast of burden  
My back is broad but it's a hurting  
All I want is for you to make love to me.*

Mick Jagger

Sábado é aniversário da Cristina. Sexta, dez e vinte e cinco da noite, Mariana vai olhar para mim e dizer: "Amanhã é aniversário da Cristina. Vai comigo?" Eu finjo estar lendo a *Isto É*. Ela insiste: "É minha prima mais chegada.

Faz dezesseis anos". Fecho a *Isto É*, estendo as pernas e digo: "Mariana, eu já te expliquei antes. Não fico à vontade com aqueles caras, não me sinto bem. Não falo com ninguém, não gosto das músicas e nem dos amigos da tua prima. E também não gosto da tua prima. E acho que ela também não gosta de mim. Me dá uma boa razão pra ir que eu vou". Mariana fala, muito séria: "Me acompanhar". Eu fecho os olhos: "A gente podia ir ao cinema, ou ver alguma peça". Mariana: "Eu vou na festa". Abro os olhos e minto: "Não gosto de ir ao cinema sozinho". Ela: "Mentira. Cansa de ir quando eu vou no Cultural". Eu: "Mas não gosto". Mariana continua calma, e isso me deixa mais nervoso. É impossível discutir com alguém que se recusa a alterar a voz. Eu altero: "Não suporto essas festas. Não lembra da última? Fiquei num canto todo o tempo, me embebedando com cuba-libre". Mariana parece não lembrar. "E tem mais", continuo, "acho que tu também não gosta. Só vai pra satisfazer a família, a vaidade, o caralho a quatro". Errado. Não teria coragem de falar assim na casa da Mariana. Correção: "Acho que tu também não gosta. Só vai pra satisfazer a família, a vaidade, o diabo". Mariana liga o rádio e pega a POP. Assim enlouqueço. Tento ficar calmo. A Mariana está pensativa; gasta de dois a quatro minutos para entender o que digo quando falo alguma coisa a sério. "Vaidade?", pergunta depois de três minutos e meio. "Eu, vaidosa?", insiste. Estou arrependido. Padre, abençoi-me porque pequei. Faz mais ou menos sete anos que não me confesso. Meus pecados são... Ergo os olhos para Mariana e peço clemência. É tarde, minha penitência é pior que três via-crúcis. "Vaidade?" Ela fala devagar, amassando as palavras. "Que coragem a tua, hem? Eu não uso três calças e quatro camisetas minhas porque tu não gosta. Parei de usar salto alto. Não uso quase pintura porque o senhor não gosta. Não prendo o cabelo, não faço mais *jogging* no Parque Moinhos de Vento, não vou velejar porque o doutor nunca entrou num barco. E ainda sou vaidosa?" Mariana joga a POP longe, o que é um gesto equivalente a um soco na minha barriga dado por uma pessoa emocionalmente saudável (instável). Protejo-me com a *Isto É*. Ela levanta e senta do meu lado, mudando de tática, a desgraçada. Coloca a mão direita no meu joelho esquerdo. Unhas cortadas

Semana passada descobri que o conceito de aceleração é mais importante que o conceito de velocidade. Já não fico tão grilado quando olho para o lado e vejo todos me ultrapassando. Eles são tão rápidos que perdem metade do prazer. E, no final, quando já cansaram e saíram da estrada, eu passo a cento e oitenta, as janelas do carro todas abertas, com o aprendizado suficiente para sacar tudo o que vai ficando para trás. A merda é que eu passo tão rápido que eles só vêem a poeira e pensam que eu ainda estou lá atrás. E não dou carona.

Quando ouvi *Wish You Were Here* pela primeira vez, nada aconteceu. Na terceira vez, comecei a gostar. Agora — septuagésima-quarta? — a música é perfeita; a guitarra imaginária na minha mão fala a minha língua, e eu a dela. Caminho pelo apartamento. Entro na sala. Escuro. Abro os postigos envidraçados da janela. Empurro para fora a veneziana. Ainda está chovendo. Puxo a veneziana de volta e levanto-a com dois golpes bem calculados na correia. Fecho os postigos. Palavra estranha. Descubro que vem do latim *posticu* (porta traseira) e que o significado original é “pequena porta”. Mas Rebelo da Silva — quem é Rebelo da Silva? —, na página cinquenta e sete dos seus *Contos e Lendas*, escreveu: “O diálogo (...) era travado em uma antiga sala, vasta e pouco alumiada por estreitas janelas, cujas vidraças de p o s t i g o mal deixavam coar o dia”. Postigo. Para mim, que não gosto de nata, está perfeito. As nuvens correm bastante. Parece que em direção ao Guaíba; a chuva, contudo, é no sentido oposto. O coador funciona bem. Não é preciso sentir o inverno para compreendê-lo. Mas é preciso reforçar logo a lombada, ou as folhas começarão a cair. Quem sabe encadernar com couro marrom.

Acabou o disco. A agulha corre um pouco, liberta dos sulcos, e levanta com um estalido grave. O braço volta devagar. Outro barulho, dessa vez mais mecânico que eletrônico. E o prato vai perdendo velocidade até parar. O vidro fica embaciado. Desenho o bolha e escrevo: “O bolha volta a atacar”. Apago tudo com a mão espolmada.

Eu estava sentado no balcão de um bar, na frente de um copo de cerveja, numa tarde de uma cidade qualquer dos Estados Unidos. Vários velhos, sentados em mesas às

minhas costas, também conversavam e tomavam cerveja. Do meu lado, o cara que eu vou ser daqui a dez anos. Marcas de luvas de boxe na cara. O nariz quebrado. Por favor, Pink Floyd, continua tocando. Mas a agulha já levantou, e não se ouve mais a conversa dos velhos. Só o silêncio; um silêncio denso, desagradável. *Close* nos velhos. O termo é decrépitos; apenas esperam a morte. *Close* nessa mosca aqui. A mosca do postigo. Abre o *zoom* e eu continuo sentado na frente de um copo de cerveja, do lado do cara que eu vou ser daqui a dez anos. Não levanto porque não tenho para onde ir. Não se ouve absolutamente nada. Por favor, um pouco mais de vento, Pink Floyd; o vento que só vocês sabem fazer. Abro a janela. Silêncio. As raras folhas estão imóveis. Os créditos sobem devagar.

## VIII

“Assim dizia, aquele sorriso: ‘Você é uma besta, um tolo, um palerma, em ficar aí plantado, como uma estaca, desde ontem à noite. Vamos, olhe-me, não sou eu encantadora? E você me fica aí uma noite inteira, com uma linda mulher, sem nada ousar, seu simplório!’” Guy de Maupassant

*Fat City* é bem típico. Daqui a dez anos vou gostar ainda mais, mesmo que não torne a ver. O Maurício foi para Israel. Deve estar colhendo laranjas. A realidade está sempre plagiando a ficção. Espero que o Milton vá mesmo para Moçambique. O que será que se colhe por lá? Pêssegos?

A Mariana ri quando falo sobre o Milton e os outros: “Se não gosta deles, por que vai?” “Não sei” (é mesmo genial, Gold), respondo. Talvez para olhar a Lúcia. “Stream of consciousness” (meu): Sentou na minha frente de propósito para brincar comigo mas eu faço que não estou interessado e olho para o poster na parede até que encha o saco vire a cabeça e encontre os olhos dela fixos nos meus como se estivessem sempre daquele jeito me esperando para conver-

Quando amanheceu, o ônibus já tinha deixado a cidade bem para trás.

E que monte de *bull-shit*. Eu poderia escrever um livro chamado *Aconteceu em Montevideú*, que certamente seria devorado pelas minhas vizinhas de cima e do lado.

(Isabel, amanhã meu coração vence, e eu escrevo mais uma daquelas abomináveis cartas românticas que tu guardas na gaveta do meio.)

## XI

*Friends are so alarming  
And my lover's never charming.*  
Mick Jagger

A Mariana só me visita de tarde. Outro dia, sentou no sofá, olhou para cima da estante e viu a TV. “Eu não sabia que tinha TV por aqui.” Levantou-se, ia ligar, mas eu cheguei antes: “Não liga”. Ela sacudiu os cabelos: “Se tem é pra ligar”. “Ver o que, quatro e meia da tarde?”, perguntei, realmente curioso. “Ver TV”, respondeu sorrindo. Levei-a delicadamente de volta ao sofá. “Não acha que nós podemos fazer uma série de coisas bem mais agradáveis que ver desenhos animados japoneses?” Mariana não desistiu: “Se tu sabes o que tá passando, por que perguntou o que eu queria ver?” Eu tive que admitir que os desenhos animados japoneses foram uma suposição. “Então não tá passando algum desenho animado japonês?”, perguntou inocentemente; “pena, eu gosto da carinha deles, sempre tão limpinhos e educados”. Mais uma vez, desconfiei que ela não estava falando sério, que há seis meses vinha criando jóias da ironia ocidental que eu confundia com inocência e falta de maturidade. Impossível; Mariana é incapaz de uma malícia, mesmo com desenhos animados japoneses. Resolvi insistir na pergunta: “Não acha que é uma perda de tempo ver desenhos animados quando nós temos milhões de coisas melhores pra fazer?” Ainda não desisti da educação da Mariana, embora compreenda cada vez mais a dificuldade e a extensão da empresa. “O que, por exemplo?” “Conversar”, respondi pouco brilhantemente. “Legal”, e ela me apontou o dedo. “Por que

a televisão se eu nunca te vejo assistindo?” “Porque eu só vejo alguns filmes, de vez em quando, e geralmente tarde da noite.” Ela pareceu não entender. “Eu só ligo quando sei que vai passar um filme bom”, expliquei. Mariana não desistiu: “E como se descobre?” Apontei a pilha de jornais no chão, feliz por fornecer-lhe mais uma pílula de sabedoria: “Lendo aquilo ali”. Ela fez uma cara de saco cheio: “Por favor, não vem com o teu papo precisa-ler-jornal-comprar-livros-e-ir-mais-ao-cinema”. Tive que rir; ela sabe mesmo me imitar.

Briga mesmo foi só aquela do mês passado. Minha mão escorregou para onde não devia e ela deu um pulo: “Faz mais uma vez e nunca mais vai me ver”. Botei um disco: “Desculpe”, e sentei. Ela parecia meio assustada. Achei que tinha chegado o momento de pôr as coisas no lugar: “Mariana, tu tens vinte e um anos. Maior de idade, etc. Eu, vinte e quatro. Estamos namorando há seis meses. Já cansei dos chupões, já não entendo direito tua tabela de permissividade. Qual é a diferença de mão na bunda pra mão nos peitos?” Eu estava sendo brilhante, até aqui. Ela tentou abrir a boca, mas eu não deixei: “Não responde, eu não quero saber. Vou direto ao ponto”, e aqui cometi meu grande erro: não fiz a introdução explicativa, “e acho que só pode ser esse o problema — já trepou alguma vez?” Ela me olhou nos olhos e eu senti que fazia um esforço considerável para se controlar: “Isso interessa?” Decidi ir até o fim: “Interessa, e muito”. Ela levantou ainda mais a cabeça e afirmou positivamente: “Não”. Eu ainda estava calmo: “E por quê?” Ela respondeu: “Não sei”. Gold, verme desprezível, ainda te mato. Tentei ir pelo outro lado: “Eu acho perfeitamente normal. Mas também acho normal que tu, com vinte e um anos, queira trepar comigo”. Ela abriu bem os olhos e disse: “Eu quero”. Perdi a cabeça, como sempre, e saiu quase um berro: “Mas eu também!” Ela levantou: “Mas eu não posso”, passou a mão nos cabelos, “por uma série de razões que eu não sei explicar, mas que existem”. Típica lógica marianesca. “Não sabe?”, insisti. “Sei mais ou menos. É uma série de razões. Psicológicas, sociológicas e mais algumas.” Sentou-se outra vez. “Se não sabe, a gente pode tentar descobrir”, e dei um sorriso amarelo.

e cubro a cabeça. Ando devagar, meu cérebro lutando para afastar a imagem de Mariana, que caminha do meu lado. Definitivamente, não gosto de gostar dela. Assobio um pouco e penso na ruas de Dublin; devem ser parecidas. Compro a *Folha da Manhã*, coloco-a debaixo do braço. Começo a caminhar de volta, tentando não pensar na Mariana. E essa chuva que aumenta me faz lembrar da Isabel. Não lembro direito qual é o filme da sessão da meia-noite do Bristol. Não faz mal, quando chegar em casa descubro. A última quadra. Daqui já começo a ver o edifício. No segundo andar, as venezianas do apartamento estão levantadas. Não lembro se deixei os postigos abertos ou fechados. Acho que esqueci de fechar. Antes de atravessar a rua, olho bem para os dois lados; não quero morrer atropelado, com tudo ainda pela frente. Diminuo um pouco o passo. Mais um pouco; não há pressa, Mariana. Caminho devagar, com a certeza de estar de volta antes que a chuva pare.

Ela pensou durante dois minutos e quinze segundos, o que é um recorde, fez a cara mais séria de que é capaz e disse: “Não quero mais ouvir falar nisso. Se eu ouvir mais uma palavra, ou se essa mão vier parar de novo aqui”, apontou os seios, “não te conheço mais”. Ela me conhece? Eu não sabia. Se cheguei a esse ponto, minha vida deve ser linear pra burro. Abracei a Mariana, minha mão pudicamente nas suas costas. Calculei umas duas semanas até poder apertar-lhe a bunda outra vez.

## XII

“Subi a escada e ganhei o andar superior da casa. Os cômodos frios, desertos e escuros, aliviaram-me a tensão e atravessei-os cantando. Da janela da frente, vi meus companheiros brincando na rua lá embaixo. Seus gritos chegavam-me amortecidos e confusos, e apertando a testa contra o vidro frio, olhei para a casa em que ela morava. Devo ter ficado ali quase uma hora, vendo apenas sua imagem num vestido marrom, tocada de leve pela luz na curva do pescoço, na mão sobre a grade, na barra do vestido...”

James Joyce

Ontem havia sol, apesar do frio. Saí da imobiliária e vim direto pra cá. Não sei o que aconteceu comigo; tinha combinado buscar a Mariana para levá-la até o apartamento da Lúcia. A Mariana estava entusiasmada com a possibilidade de conhecer meus amigos, sempre tão criticados nas nossas conversas. A Lúcia também estava curiosa para conhecer Mariana, a guria que conquistara “o coração mais duro que conheço”. Pedi-lhe que convidasse pouca gente: o Júlio, a Cláudia, o Beto. “O Milton não, por favor.” Mas, quando saí da imobiliária, cismeí que o Milton estaria lá; a Lúcia é bem capaz dessas pequenas traições. Eu chegaria com a Mariana, e ele, rapidamente, sentaria do lado dela: “Eu gosto

do teu nome — Mariana...”, e se seguiria uma grande lista de frases de efeito, roubadas de alguém, declarações de cunho esquerdista e elogios a Caetano Veloso. Mariana ficaria maravilhada. Na volta, diria: “Achei o Milton muito legal. Não vi nada dessas coisas que tu costumava apontar nele”. Pensando bem, isso é só mais uma desculpa. O grande medo é confrontar Mariana com os outros. Eu seria obrigado a me definir, escolher um dos lados, pois não há conciliação possível. E, como sempre, não tive coragem suficiente. Prefiro o apartamento vazio; sem dar explicações para nenhum dos lados, equidistante, frio, imparcial. Esperei até as onze e meia alguma possível consequência do meu ato de covardia. Quem sabe a Mariana, ou até a Lúcia, batendo na porta e perguntando por que eu não fui. Nada. O que eu faço, ou não faço, geralmente não tem repercussão. A Mariana talvez tenha esquecido tudo durante a novela das oito; a Lúcia apenas olhou em volta e disse: “Se não me engano, tá faltando alguém”. E foram todos tomar um chope no Alaska.

Acordei com o barulho da chuva e botei logo *Echoes* no toca-discos. Essa música sempre me pareceu líquida, adequada para manhãs de sábado como essa. Levantei a veneziana da janela da sala. Dia feio para os outros; bonito pra mim. As nuvens passam devagar, algumas mais carregadas que as outras. As árvores, lá embaixo, estão sem folhas, os galhos fincados absurdamente nos troncos marrom-escuros. A parede do edifício é velha, a grama está toda queimada pelo frio. Ninguém na rua. Talvez eu vá dar um passeio depois do meio-dia. Quem sabe visitar a Mariana. Ou só passar pela frente da casa e seguir reto, com medo de apertar a campainha e não encontrá-la. Aumento o volume e a guitarra de Gilmour aquece o apartamento. À merda com a vizinha de cima. Olho outra vez pela janela e descubro uma brecha pequena no céu, um fiapo de azul. Aliviado, assisto uma imensa nuvem cinza encobri-lo. A chuva aumenta. Sento no chão e toco meus pés com a ponta dos dedos das mãos. Fico assim algum tempo. Levanto e sacudo a cabeça, espantando os demônios. É preciso aproveitar essa manhã. Vou até o banheiro e tomo um banho quente e demorado. Visto-me devagar, ouvindo *One of These Days*. Na rua, puxo o capuz